

MARIA DO ROSÁRIO PESTANA
LUÍSA TIAGO DE OLIVEIRA
(COORDENAÇÃO)

CANTAR NO ALENTEJO

A TERRA, O PASSADO E O PRESENTE

Ε

ESTREMOZ
EDITORA



CANTAR NO ALENTEJO

A terra, o passado e o presente

Este livro partiu de uma Conferência realizada no âmbito das Festas do Cante em Monsaraz, em 2015, que reuniu estudiosos de diferentes áreas disciplinares (Antropologia, Etnomusicologia, História e Sociologia), cantadores e outros protagonistas do cantar no Alentejo. Nessa linha, o livro aborda o cantar no Alentejo na oscilação entre o conhecimento académico - sobre os processos que codificaram, deram sentido e textualizaram um determinado conjunto de sons como “música alentejana” - e a experiência vivida de cantar, de ouvir e ser ouvido no Alentejo.

O livro abre com um preâmbulo, contextualizador dos assuntos em análise, assinado pela etnomusicóloga Salwa Castelo-Branco, sucedido por capítulos escritos por Fernando Oliveira Baptista, Ema Pires e Daniel Rodrigues, Susana Mareco, Maria José Barriga, Maria do Rosário Pestana, Luísa Tiago de Oliveira e Paulo Ferreira da Costa. A segunda parte do livro consta de uma mesa-redonda, marcada pela espontaneidade e pela multiplicidade de perspectivas, com intervenções de cantadores, de decisores e de alguns dos autores referidos. Neste debate, moderado por Jorge Freitas Branco, participaram Ana Paula Amendoeira, Anabela Caeiro, António Caixeiro, David Pereira, Dulce Simões, Joaquina Margalha, José Pedro Fernandes, José Pereira, Luís Caixeiro, Luís Filipe Marcão, Maria Antónia Zacarias, Maria José Barriga, Paulo Ferreira da Costa, Pedro Mestre, Maria do Rosário Pestana, Serafim Silva e Susana Mareco.

No seu conjunto, o livro permite uma abordagem nova e multi-situada da questão da *terra*, da memória e do património que, hoje, se encontram numa encruzilhada.

Índice

Preâmbulo: Para o estudo dos patrimónios sonoros do Alentejo

Salwa Castelo-Branco

Introdução

Maria do Rosário Pestana e Luísa Tiago de Oliveira

Alentejo. Terra, trabalho, património

Fernando Oliveira Baptista

Montras panorâmicas: práticas culturais e usos do espaço em repertórios de Cante Alentejano

Ema Pires e Daniel Rodrigues

A turistificação do Cante Alentejano como estratégia de “desenvolvimento sustentável”: discursos políticos e práticas da cultura

Dulce Simões

A Nova Geração do Cante e as Manifestações sobre o Cante Alentejano

Susana Mareco

Cante ao Baldão: uma prática de desafio no Alentejo entre 1980 e a actualidade

Maria José Barriga

Alentejo, visibilidade e ocultação: scriptualização e institucionalização de práticas musicais rurais

Maria do Rosário Pestana

O Alentejo de Michel Giacometti

Luísa Tiago de Oliveira

Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial: produção de conhecimento e medidas de salvaguarda

Paulo Ferreira da Costa

Mesa-redonda – O Cante: práticas, memórias e património

Moderação Jorge Freitas Branco

Com: *Ana Paula Amendoeira, Anabela Caeiro, António Caixeiro, David Pereira, Dulce Simões, Joaquina Margalha, José Pedro Fernandes, José Pereira, Luís Caixeiro, Luís Filipe Marcão, Maria Antónia Zacarias, Maria do Rosário Pestana, Maria José Barriga, Paulo Ferreira da Costa, Pedro Mestre, Serafm Silva e Susana Mareco.*



Maria do Rosário Pestana

Professora na Universidade de Aveiro, é também investigadora do Instituto de Etnomusicologia-Centro de Estudos em Música e Dança. Desenvolve estudos etnomusicológicos sobre associativismo musical, processos de documentação de música de matriz rural e música de expressão local.

Coordenou o livro.

CANTAR NO ALENTEJO

A terra, o passado e o presente

Luísa Tiago de Oliveira

Professora no Departamento de História e Investigadora do Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Tem trabalhado sobre movimentos sociais, políticos e culturais dos séculos XIX e XX.

Coordenou o livro.

CANTAR NO ALENTEJO

A terra, o passado e o presente





Resumo dos textos

Fernando Oliveira Baptista

Alentejo. Terra, trabalho, património

Nas últimas décadas, os territórios que antes eram do Alentejo do trigo repartiram-se entre uma agricultura mais intensiva e manchas aproveitadas extensivamente – muitas delas com arvoredo de sobro ou de azinho – onde o pastoreio alterna com incultos e outras actividades (caça, desporto, lazer, ...), que tentam corresponder a *novas* procuras urbanas. Neste percurso, acentuou-se, desde os anos sessenta, a transformação tecnológica da agricultura: o trabalho manual e a tracção animal recuaram diante dos processos químico-mecânicos, nomeadamente da motorização. Paralelamente, a luta pela terra que teve momentos de grande intensidade e concretização – a Reforma Agrária – esbateu-se. Hoje, a principal faceta social do

trabalho são os imigrantes, muitos sazonais, utilizados pelo capitalismo agrícola. São, no entanto, uma realidade sem visibilidade social e política. Nestas transformações, alteraram-se também as sociabilidades locais e as relações da população com o trabalho e a terra. Muitas das que antes eram as suas manifestações são agora convertidas em património. Procura-se, assim, salvaguardar as heranças do passado mas, simultaneamente, dar-lhes legitimidade para, como mercadorias, encontrarem procura por parte dos visitantes das cidades.

Em a Pires e Daniel Rodrigues

Montras panorâmicas: práticas culturais e usos do espaço em repertórios de Cante Alentejano

Este texto explora relações entre usos do espaço e suas reconfigurações contemporâneas numa aldeia do Baixo Alentejo (Santo Aleixo da Restauração, Moura). Especificamente, através de investigação etnográfica e análise documental em curso, discutiremos como os repertórios de Cante Alentejano (re)produzidos localmente retratam representações quotidianas do espaço rural e/ou questionam as suas apropriações contemporâneas. Argumentamos que os repertórios musicais ilustram uma montra panorâmica de representação do espaço rural, que por vezes é cristalizado, e outras vezes é reconfigurado, numa variação que é muitas vezes situacional e decorre de variáveis como o género e o contexto sócio espacial.

1

Dulce Simões

A turistificação do Cante Alentejano como estratégia de “desenvolvimento sustentável”: discursos políticos e práticas da cultura

O reconhecimento do Cante Alentejano como Património Cultural Imaterial da Humanidade veio criar um incomensurável campo de possibilidades económicas para entidades públicas e privadas ligadas ao turismo da Região do Alentejo, que exige o questionamento da mercantilização da cultura como estratégia de “desenvolvimento sustentável”. Neste texto, procuro compreender de que forma as pessoas resistem às transformações que lhes são impostas e como as adaptam, a partir de valores e práticas de sociabilidade. Por considerar que as pessoas percebem, compreendem

e agem sobre os processos de patrimonialização de maneiras diferenciadas, em função das posições sociais que ocupam no lugar de pertença, das características desse lugar, e da posição que este ocupa a nível regional, nacional e transnacional. Esta análise resulta de uma etnografia intensiva e de revisitação da raia do Baixo Alentejo, que entrelaça fontes impressas, fontes Internet, registos audiovisuais e bibliografia, com experiências do terreno e narrativas de pessoas que participam na construção de uma herança cultural significativa.

Susana Mareco

A Nova Geração do Cante e as Manifestações sobre o Cante Alentejano

A expectativa gerada face ao resultado da candidatura do Cante Alentejano a Património Cultural Imaterial da Humanidade e a sua classificação, em 2014, foram o motor de resgate desta prática socialmente estigmatizada. O recente paradigma patrimonial motivou a criação de um movimento de recuperação geracional do Cante, com a mobilização massiva de jovens na formação de novos grupos corais. Por outro lado, a mediação gerada em torno da candidatura renovou os interesses das camadas artísticas e dos mercados da música sobre o cancionário e a musicalidade tradicionalmente alentejana.

Posto em prática, o Plano de Salvaguarda elaborado para esta candidatura ficará à sombra do impacto social, cultural e musical que se gerou nos últimos anos e que revigorou não só a prática do Cante como potencializou a música tradicional alentejana no seu todo.

Maria José Barriga

Cante ao Baldão: uma prática de desafio no Alentejo entre 1980 e a actualidade

Um processo de revitalização/“(re)folclorização” iniciado por meados de 1980 veio estimular a “construção” de identidades culturais locais no Alentejo. O Cante ao Baldão foi uma das práticas musicais “repentistas” que se tornou elemento de reconstrução de duas identidades culturais locais, *campaniços* e *serrenhos*, localizadas num espaço

geográfico entre os concelhos de Castro Verde, Odemira, Ourique e Almodôvar. Tratou-se não propriamente de “fazer reviver” produtos do passado, de *serrenhos* ou *campaniços*, mas antes de realizar experiências estéticas nas quais os indivíduos se construíam a si próprios no momento.

Com a inscrição do género Cante Alentejano na Lista do Património Imaterial da Humanidade da Unesco, em 2014, surge uma nova situação para as outras práticas musicais no Alentejo, como é o caso dos géneros “repentistas”. No caso do Cante ao Baldão, este assiste a um novo momento: surge em espectáculos onde se mesclam práticas, géneros e músicos com experiências e formações muito diversificadas. *Ética e estética, afecto e tradição* constituem noções complexas à procura de reflexões.

Maria do Rosário Pestana

Alentejo, visibilidade e ocultação: scriptualização e institucionalização de práticas musicais rurais

Este estudo aborda o processo de documentação de música de matriz rural no Alentejo, entre 1893 (data da edição do primeiro fascículo do *Cancioneiro de Músicas Populares*) e 1937 (ano da publicação em língua portuguesa de um estudo de Rodney Gallop). Nesse processo, complexas práticas musicais, poéticas e coreográficas foram *traduzidas* em textos e reduzidas a conjuntos abstractos de peças desincorporados do contexto performativo, dos valores e sentidos que os enformavam e, inclusive, dos *músicos* que lhes davam voz e som. Tratou-se, na verdade, de um exercício de dominação e de exclusão que no caso em estudo conduziu à negação da *performance* e ao anonimato dos detentores da tradição, em favor do lugar de origem, do produto musical e do autor do registo. Colecções de harmonizações e transcrições de música de matriz rural foram publicadas com a finalidade de documentar, mas também de providenciar repertório musical para os palcos urbanos, agindo na legitimação da cultura dominante e das suas hierarquias.

Luísa Tiago de Oliveira

O Alentejo de Michel Giacometti

Sendo um referente essencial para a Etnomusicologia em Portugal, Michel Giacometti (Ajaccio-Córsega,1929–Faro,1990) constitui uma figura ímpar das recolhas e difusão da cultura portuguesa.

Ao longo do seu percurso em Portugal, Michel Giacometti teve uma acção multifacetada e procurou salvaguardar materiais. Estas preocupações traduzem-se por uma vertente editorial mas também pela vontade de criar um Arquivo Sonoro e um Centro de Documentação Operário-Camponesa – Museu do Trabalho. Outros momentos e resultados da sua obra poderão ainda ser revelados, como aconteceu vinte anos após a sua morte. Mas é no campo musical que Giacometti constitui um referente essencial, sendo que o trabalho do etnógrafo corso marcou e marca ainda a recriação artística de música tradicional em Portugal.

Neste texto, parte-se das várias etapas do percurso de Michel Giacometti e dos resultados já conhecidos do seu trabalho, para se averiguar qual o lugar do Alentejo no seu itinerário e acção.

Paulo Ferreira da Costa

Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial: Produção de Conhecimento e Medidas de Salvaguarda

O texto versa sobre o sistema de protecção legal dos bens culturais imateriais estabelecido pelo Estado Português, em resultado da regulamentação da *Lei de Bases do Património Cultural* e em harmonia com o tratado internacional que vincula a acção nacional nesta área do património: a *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (UNESCO 2003). Após enquadramento sobre o contexto em que foi elaborado aquele sistema, procede-se à caracterização dos princípios e metodologias inerentes ao *Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial*, assim como à identificação dos principais constrangimentos à protecção legal do Património Cultural Imaterial em Portugal na actualidade.



Mesa-redonda

O Cante: práticas, memórias e património

Mesa redonda – *O Cante: práticas, memórias e património*

Moderação **Jorge Freitas Branco** (antropólogo).

Participantes: **Ana Paula Amendoeira** (Directora de Cultura do Alentejo), **Anabela Caeiro** (Técnica Superior da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz), **António Caixeiro** (cantador), **David Pereira** (cantador e ensaiador), **Dulce Simões** (antropóloga), **Joaquina Margalha** (Vereadora da Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz), **José Pedro Fernandes** (cantador), **José Pereira** (cantador), **Luís Caixeiro** (cantador), **Luís Filipe Marcão** (autor de letras de modas), **Maria Antónia Zacarias** (jornalista do *Diário do Sul*), **Maria do Rosário Pestana** (etnomusicóloga), **Maria José Barriga** (etnomusicóloga), **Paulo Ferreira da Costa** (antropólogo e Director do Museu de Etnologia), **Pedro Mestre** (cantador e ensaiador), **Serafim Silva** (cantador e ensaiador) e **Susana Mareco** (socióloga).